

Festival de Mancala Awelé na Rede Municipal de Ensino de São Paulo: análise fenomenológica afrocentrada

Robson Gonçalves da Silva¹

ORCID: 0009-0007-9513-5555

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise do IV Festival de Mancala Awelé da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. O festival acontece anualmente, desde de 2016, e é organizado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O jogo de Awelé é de origem africana que apresenta aspectos filosóficos africanos em seus fundamentos. No IV Festival ocorreram apresentações culturais que trouxeram a arte africana e afro-brasileira por meio da música, dança, vestuário, decoração, entre outros. Porém, a forma como foram organizadas a estrutura e dinâmica do festival não permitiu que os estudantes vivenciassem livremente aquelas manifestações culturais, o que favoreceu a competição entre os estudantes e não a cooperação, que é a essência do jogo. Apenas em um espaço fora da área oficial do jogo foi possível observar os corpos dos estudantes livres para praticá-lo e vivenciá-lo de modo que pudessem sentir e internalizar a cultura da qual se origina o jogo. A proposta do artigo foi de apresentar um olhar crítico à organização do festival, com base na teoria afrocêntrica e na fenomenologia. Concluiu-se que o modelo de Festival de Mancala Awelé organizado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo necessita de uma reformulação, caso pretenda descolonizar os saberes e práticas educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Palavras-chave

Mancala Awelé – Formação de professores – Decolonialidade.

1- Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. Contato: robsonsilva@usp.br



<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551288414por>
This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY 4.0.

Mancala Awelé Festival in the São Paulo Municipal Education Network: An Afrocentric Phenomenological Analysis

Abstract

This article aims to analyze the IV Mancala Awelé Festival held by the São Paulo Municipal Education Network. The festival has taken place annually since 2016 and is organized by the São Paulo Municipal Department of Education. Awelé is a game of African origin that incorporates African philosophical aspects in its foundations. The IV Festival featured cultural performances that showcased African and Afro-Brazilian art through music, dance, clothing, decoration, etc. However, the way the festival's structure and dynamics was organized did not allow students to freely experience these cultural expressions. Moreover, it fostered competition among students rather than cooperation, which is the essence of the game. Only in a space outside the official gaming area was it possible to observe students engaging freely with the game, experiencing it in a way that allowed them to feel and internalize the culture from which it originates. The purpose of this article is to provide a critical perspective on the festival's organization based on Afrocentric theory and phenomenology. The study concludes that the current model of the Mancala Awelé Festival, organized by the São Paulo Municipal Department of Education, requires restructuring if it aims to decolonize knowledge and educational practices within the São Paulo Municipal Education Network.

Keywords

Mancala Awelé – Teacher Training – Decoloniality.

Introdução

Em 28 de agosto de 2019, na cidade de São Paulo, ocorreu o IV Festival de Mancala Awelé. A escolha para análise do IV Festival se dá pelo fato de o autor ter vivenciado presencialmente o evento com seus estudantes, fator fundamental para uma análise fenomenológica de sua organização. O Festival de Mancala Awelé faz parte do calendário anual da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME/SP), que, entre suas ações pedagógicas, tem o Programa Jogos de Tabuleiro (PJT), sendo o jogo Mancala Awelé um dos quatro jogos que o compõem desde 2016. Os outros três jogos que compõem o PJT são: Jogo da Onça, Go e o Xadrez, sendo que este último foi introduzido por já fazer parte da Rede Municipal de Ensino (RME) desde 1994. Nesse mesmo ano, iniciou-se a formação de Xadrez para professoras e professores da RME, em parceria com a Federação Paulista de Xadrez (FPX) e, a partir daí, anualmente aconteciam os torneios de Xadrez, reunindo estudantes de dezenas escolas da RME, que competiam entre si, primeiro de

forma regional – dentro dos territórios das Diretorias de Ensino –, e posteriormente em um torneio municipal, no qual só participavam os estudantes que se classificavam nas fases regionais. Esta forma de torneio, em que “as fases regionais seriam classificatórias para a fase Municipal, modelo utilizado até hoje pelo Xadrez e o Mancala Awelé” (São Paulo, 2020, p. 10), apresenta um viés competitivo, eliminatório e meritocrático, no qual as escolas com maior pontuação, conquistada pelas vitórias nas partidas, são premiadas ao final do torneio com troféus e medalhas.

Na RME de São Paulo, o Mancala Awelé foi inserido nas formações e práticas pedagógicas, no ano de 2016 e, nesse mesmo ano, ocorreu I Festival de Mancala Awelé. “O formato do evento foi baseado na experiência do Xadrez, com mudanças que consideraram as características do Mancala” (São Paulo, 2020, p. 14). Porém, por mais que tenha objetivado alcançar algumas mudanças, o festival apresentou o mesmo caráter competitivo e meritocrático, segundo o qual as escolas melhor pontuadas recebem premiações diferenciadas, o que também veremos na análise do IV Festival de Mancala Awelé. Dentro do regulamento do I Festival fica evidente o quanto o jogo é ressignificado para o contexto de competição, cujas próprias regras trazem a ideologia ocidental como referência. Uma das evidências disso é o Comunicado nº 772/2016, da SME/SP, que diz em seu item VII – formas de disputa: “1. As competições serão disputadas pelo “sistema suíço” de emparelamento com 5 a 8 rodadas, definido tecnicamente pela equipe de arbitragem” (São Paulo, 2016, p. 61). Esse sistema de emparelamento é utilizado nas competições do jogo de xadrez para definir quais jogadores se enfrentarão nas rodadas do torneio. Como o nome já diz, é um sistema ocidental para organizar competições, nas quais os adversários são definidos de acordo com pontuações ou número de vitórias ou derrotas. Outro ponto importante a ser destacado nesse mesmo item do regulamento é o da arbitragem. De acordo com o dicionário Michaelis On-line (2024), são estes alguns dos significados atribuídos à palavra árbitro: “1. Autoridade absoluta; soberano. 2. Pessoa ou coisa que serve de padrão a ser seguido; exemplo, modelo. 3. Pessoa indicada para dirigir uma competição esportiva; juiz”. Árbitro (Michaelis, 2024). Nota-se que a existência de um árbitro dentro do festival parece existir para impor padrões, valores a serem seguidos, tornando-se referência para os estudantes de como devem se comportar e quais regras devem seguir durante o jogo.

Quando pesquisamos imagens de pessoas jogando os jogos da família Mancala, observamos que, principalmente as que estão no continente africano, jogam em locais públicos, com outras pessoas assistindo, algumas vezes nos quintais de casa. Quando entendemos as regras do jogo, é possível observar o caráter coletivo que existe na dinâmica do Awelé. As regras e concepções do Festival de Mancala Awelé da SME destoam da cultura, cosmovisão e filosofia que os seus criadores, os povos africanos, têm como princípios e valores, demonstradas nas suas diferentes filosofias africanas. O jogo de Awelé é um jogo de cooperativismo, em que uma das principais regras é compartilhar as sementes e nunca deixar seu companheiro com suas terras vazias; a circularidade está presente em cada movimentação do jogo. Ademais, “o jogo, por si, já representa a ludicidade dentro da cosmovisão africana, mas, além disso, ele traz a memória, oralidade e ancestralidade também” (Silva, 2021, p. 72). Neste artigo faremos uma análise fenomenológica de como o Festival de Mancala Awelé vem sendo organizado, apontando suas possíveis contradições em relação aos valores, filosofia e cosmovisão nos quais o jogo se fundamenta.

O jogo Mancala Awelé

Mancala é uma família de jogos de tabuleiro de origem africana, “termo [que] passou a ser utilizado pelos antropólogos para designar uma série de jogos disputados num tabuleiro com várias cavidades e com o mesmo princípio geral na distribuição das peças” (Brandão, 2006, p. 69). Na família dos jogos de Mancala, tal distribuição simula a semeadura e a colheita. Este jogo é conhecido por diferentes nomes, de acordo com a região, e é jogado de diferentes formas entre os povos africanos e não africanos. O jogo contribui para o raciocínio lógico, fomenta operações lógicas, testa hipóteses, exercita a concentração, contribui para o resgate das identidades das pessoas que se reconhecem enquanto descendentes de povos africanos, além de auxiliar no aprendizado do conteúdo da matemática, envolvendo temas relativos à “geometria; sequência; equação e inequação; sistema de numeração decimal; estratégia; valor posicional; localização e espacialidade” (Santos; França, 2017, p. 97). Agbinya (2004), em sua pesquisa, relata que foi apenas na vida adulta que passou a perceber que os anciãos que jogavam em sua aldeia contavam na base 5² a cada jogada que faziam. Utilizavam essa e outras operações matemáticas, estrategicamente, para obter vantagens no jogo.

O jogo tem sido utilizado como ferramenta pedagógica para o ensino de matemática ou educação inclusiva no Brasil. Como observaremos abaixo, o jogo pressupõe cálculos matemáticos, como adição e subtração, mas também propõe antecipação de possíveis movimentos, estimulando a resolução de problemas. Algumas pesquisas mostraram que o Mancala é “adequado para o uso em um trabalho psicopedagógico com crianças em dificuldades de matemática” (Dias; Brenelli, 2009, p. 276).

Também existem aspectos filosóficos, históricos e culturais passíveis de pesquisa, descrição, análise e apropriação dentro do espaço escolar cujo objetivo é contribuir para a educação das relações raciais. Brandão (2006) sustenta que o nome Mancala passou a ser utilizado por antropólogos, não necessariamente sendo o nome original do jogo. Agbinya (2004) faz uma dura crítica ao uso da palavra “mancala” para se referir aos jogos de tabuleiros africanos. Para ele é uma infelicidade essa confusão que os não africanos fizeram, utilizando esse nome genérico para referir-se aos jogos que existem há séculos em diferentes grupos étnicos africanos, com diferentes nomes e regras. O autor elucida ainda que:

Mancala é na verdade uma corrupção da palavra Mankaleh que significa o jogo da inteligência. É difícil encontrar o uso desse nome por grupos étnicos africanos. Mankaleh é derivado de suaíli uma língua híbrida que tem uma grande influência árabe (Agbinya, 2004, p. 17).

A crítica de Agbinya vai na mesma direção das observações de Hampâté Bá, que considera fundamental conhecer a tradição oral africana, daí a importância de se ouvir os “tradicionalistas” africanos para conhecer suas origens históricas. De acordo com Hampâté Bá, “uma história que se quer essencialmente africana deverá necessariamente, portanto, apoiar-se no testemunho insubstituível de africanos qualificados” (Hampâté Bá, 2010, p. 175).

2- Base 5, ou sistema quinário, utiliza apenas cinco símbolos (0, 1, 2, 3, 4). Nós utilizamos em nosso dia a dia o sistema decimal, que utiliza dez símbolos (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9).

Em seus estudos e pesquisa, Culin (1896) apresenta diferentes nomes e imagens de jogos da família Mancala existentes no continente africano, comprovando que, de fato, a família de jogos Mancala é jogada por todos os povos africanos, de norte a sul, de leste a oeste do continente. No prefácio do livro Mancala Awelé, da coleção Jogos de Tabuleiro da SME/SP, o professor Acácio Almeida observa que, “segundo o mito fundador Massai, o jogo foi inventado por Sindillo, filho de Maitoumbe, o primeiro ser humano, e remonta os primórdios da criação” (São Paulo, 2020, p. 23).

Alguns pesquisadores apontam que são mais de duzentos tipos de jogos de tabuleiro, conhecidos no continente africano, que simulam a semeadura e colheita (Culin, 1896; Murray, 1978). Awelé é um desses tipos e, de acordo com as pesquisas, ele é o mais jogado dentro de África. Ele também faz parte de um grupo de jogos que têm regras internacionais definidas e campeonatos internacionais organizados pela Antigua and Barbuda Warri Academy, entre outras organizações. No Brasil, o jogo foi trazido pelos africanos escravizados, entre os quais o povo Yorubá, que trouxe o AYO, chamado em nosso país de AIÚ. Não podemos considerar a família de jogos de Mancala como apenas mais um jogo de tabuleiro, pois dentro dela estão inseridas diversas culturas e cosmovisões de diferentes povos africanos. Segundo Acácio Almeida:

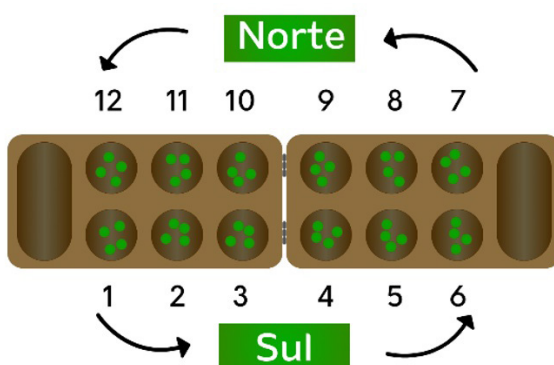
Por meio dos jogos da família Mancala é possível desenvolver a memória auditiva, a memória visual e corporal, a imaginação, as funções da linguagem, da gestualidade, o conhecimento do meio ambiente, a sensibilidade, a lógica, a afetividade, conhecer o patrimônio cultural, o ethos, a ética e a estética, as funções sociais, morais e educativas (São Paulo, 2020, p. 19).

Os jogos de semeadura e colheita aparentam representar, por meio da ludicidade, a essência das sociedades africanas, em que a semeadura e a colheita exigem planejamento, estratégia, compartilhamento e inteligência. No jogo, encontramos as características das relações sociais existentes entre os povos africanos, que se dão predominantemente por meio de cooperação e trocas. Jogar Awelé, ou qualquer outro tipo de Mancala, nos permite vivenciar um pouco da cultura e valores africanos. Assim como nas comunidades tradicionais africanas, o cooperativismo está fortemente presente no jogo. Quando se joga Awelé, por exemplo, costuma-se dizer que não há um rival, um inimigo, pois trata-se de dividir as mesmas terras e sementes, além de ser proibido deixar nosso parceiro de jogo faminto. Alguns estudiosos salientam que “[...] é, sobretudo, um jogo baseado na generosidade: para ganhar, um jogador tem que saber doar ao seu adversário” (Lima; Gneka; Lemos, 2005, p. 54). As vivências das manifestações afro-brasileiras e africanas, principalmente as que foram mantidas nas religiões de matrizes africanas, demonstram que tais características permanecem presentes até os dias de hoje. Por isso, para jogar os jogos da família Mancala é preciso contextualizar os aspectos que permeiam suas dinâmicas, histórias e regras. A prática do Awelé estimula a solidariedade entre os jogadores, já que a troca das sementes é um de seus princípios fundamentais. Não existe uma colheita sem que o outro jogador tenha pelo menos uma semente nas covas do seu lado.

O jogo de Awelé costuma ser jogado em um tabuleiro, geralmente de madeira, no qual existem doze cavidades iguais distribuídas em duas fileiras. Nas duas laterais existem duas cavidades maiores. As cavidades menores chamamos de covas, enquanto as maiores

chamamos de depósitos. As doze covas são divididas em lado norte e lado sul, com seis covas de cada lado. Para melhor entendimento numeramos as covas de um a doze (Figura 1). Dentro das covas são distribuídas sementes, quatro em cada uma, ou seja, 48 no total. Para iniciar o jogo, faz-se um sorteio para decidir quem será o jogador do lado sul e do lado norte. O jogo sempre começa pelo lado sul. Essa regra já contradiz a ordem social que nos foi imposta, de acordo com a qual os países do norte estão em posição superioridade aos do sul.

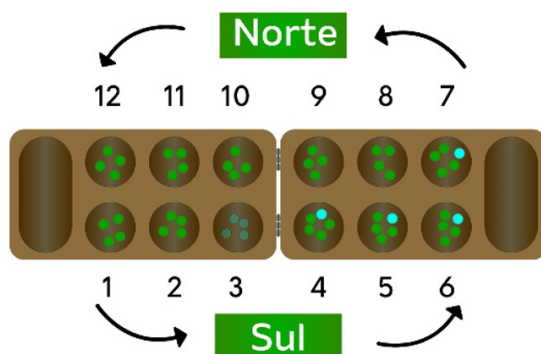
Figura 1 – Tabuleiro de Awelê



Fonte: Elaboração própria.

Para semear, escolhe-se uma das covas do seu lado, depois são recolhidas todas as sementes desta cova e, no sentido anti-horário, deve-se depositar uma semente em cada cova na sequência. Por exemplo, o jogador do lado sul escolheu a cova 3 para iniciar a semeadura, ele vai colocar uma semente na cova 4, uma na 5, uma na 6 e, a última, na 7, ou seja, ele semeia inclusive as covas do lado oposto (Figura 2).

Figura 2 – Semeadura

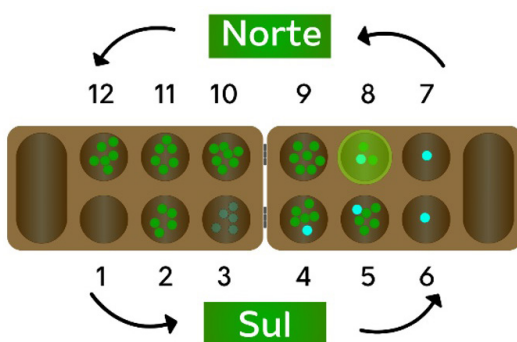


Fonte: Elaboração própria.

No Awelé, não existe um dono da terra e das sementes; os dois jogadores compartilham as doze covas e trocam as 48 sementes. O jogador que colher 25 ou mais sementes será o vencedor. Porém, o fim do jogo pode acontecer quando o número de sementes for tão pequeno que não seja possível fazer mais nenhuma colheita; assim, ganha quem obtiver mais sementes em seu depósito.

A colheita acontece quando sobraem duas ou três sementes na última cova semeada, porém a colheita só pode ser feita do lado oposto do jogador; nunca do seu próprio lado. Depois de colher as sementes, o jogador colocará as sementes no seu depósito, que sempre será o do seu lado direito. No exemplo abaixo, a jogada iniciou na cova 3, que continha cinco sementes, com isto a última semente parou na cova 8, onde já havia duas sementes. Como sobraram três sementes na cova 8, elas são colhidas. Chamamos essa jogada de colheita simples, pois colheu apenas de uma cova.

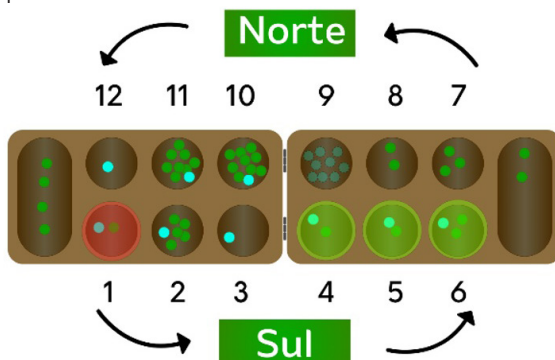
Figura 3 – Colheita simples



Fonte: Elaboração própria.

Em uma mesma jogada é possível colher sementes de mais de uma cova, como no exemplo abaixo, em que a semeadura iniciou na cova 9, podendo haver colheita nas covas 4, 5 e 6. Essa colheita só é permitida se as covas que ficaram com 2 ou 3 sementes estiverem em sequência, da última cova semeada para trás. No exemplo, a cova 1 também ficou com duas sementes, porém a sequência foi interrompida pelas covas 2 e 3, que ficaram com seis e com uma, respectivamente. Essa jogada é chamada de colheita múltipla.

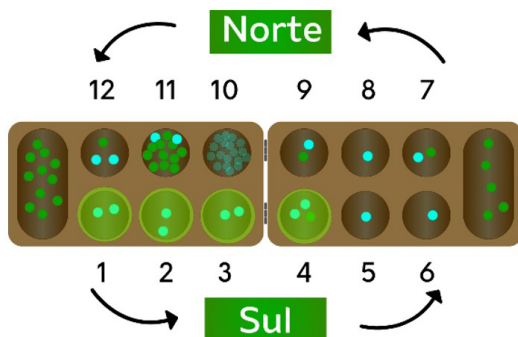
Figura 4 – Colheita múltipla



Fonte: Elaboração própria.

Outra jogada importante, que pode decidir uma partida, é a sementeira com a reserva Krou. Krou também é um nome de um povo que hoje situa-se na região da Costa do Marfim. Nessa jogada, a sementeira dará mais de uma volta completa no tabuleiro, passando pela mesma cova em que iniciou. Uma regra importante é que nunca devemos semear na mesma cova em que iniciamos, sendo o único momento do jogo que pulamos uma cova. Vejamos o exemplo abaixo, no qual o jogador norte fará uma colheita múltipla nas covas 1, 2, 3 e 4, utilizando uma reserva Krou, com 17 sementes, que se encontrava na cova 10.

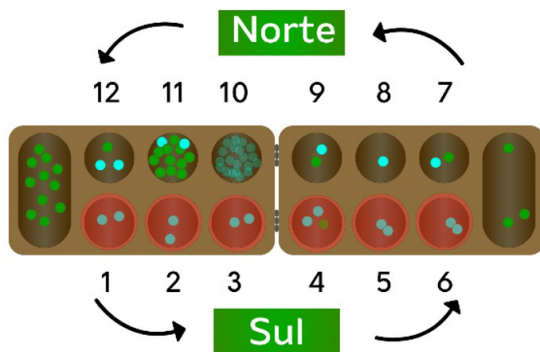
Figura 5- Reserva Krou



Fonte: Elaboração própria.

Uma das regras mais importantes do jogo é que você não pode, em hipótese alguma, deixar o outro jogador sem sementes do seu lado, mesmo que seja para ganhar o jogo. Caso um dos jogadores faça uma jogada em que todas as covas do seu lado fiquem sem sementes, o outro é obrigado a fazer uma sementeira que finalize com pelo menos uma semente do outro lado. Também é proibido fazer uma colheita que deixe o outro jogador sem sementes. No exemplo abaixo, a reserva Krou da cova 10 finalizaria a jogada na cova 6, colhendo todas as sementes do outro lado. Porém, essa é uma jogada irregular. Nesse caso, a sementeira ocorre, mas não pode ser feita a colheita das sementes, que permanecem nas covas.

Figura 6- Colheita irregular



Fonte: Elaboração própria.

Por meio das regras e movimentos do jogo, podemos notar como o Awelé relaciona-se ao modo de vida dos povos africanos. Compartilhar as terras para colher, armazenar as sementes estrategicamente, não deixar seu parceiro sem sementes, compartilhar as mesmas sementes para obter uma melhor colheita, além do modo circular de viver, são características que encontramos em diversas culturas e povos africanos. Segundo Ramose (1999), a filosofia Ubuntu, originária dos povos do tronco linguístico Bantu, ensina-nos que, para nos constituirmos enquanto seres humanos, precisamos aprender, trocar e respeitar todos os seres vivos e não vivos. Ninguém se torna um bom ser humano sem a troca de energia vital, por isso o ditado: “Eu sou, porque nós somos”.

O IV Festival de Mancala Awelé

O IV Festival de Mancala Awelé da RME de São Paulo, que ocorreu nos dias 27 e 28 de agosto de 2019, foi realizado na quadra do Clube Esperia, na cidade de São Paulo, e contou com a participação de cerca de oitocentos estudantes. O festival aconteceu posteriormente às fases regionais das 13 Diretorias Regionais de Ensino (DRE) da RME, nas quais foram classificados para a fase final apenas os estudantes que obtiveram melhor pontuação em suas categorias, divididas por ciclos de aprendizagens (alfabetização, interdisciplinar e autoral) e pelas turmas do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O ciclo de alfabetização corresponde a estudantes do 1º ao 3º ano; o ciclo interdisciplinar do 4º ao 6º ano; e o ciclo autoral do 7º ao 9º ano, todos do ensino fundamental. A EJA do município é composta por jovens acima de 15 anos e adultos que não concluíram o ensino fundamental no período esperado.

De acordo com o item IV do art. 3º da Portaria Municipal nº 2.447, de 12 de março de 2018, que institui os festivais estudantis de Mancala Awelé da RME, “a Fase Municipal será disputada pelos 15 (quinze) primeiros colocados de cada categoria, da fase anterior” (São Paulo, 2018, p. 15). A fase anterior mencionada é a fase regional, de modo que apenas sessenta estudantes de cada DRE puderam participar da fase municipal. Assim como na fase regional, a fase municipal também determinou que “os 10 (dez) primeiros colocados de cada categoria receberão uma medalha diferenciada” (São Paulo, 2018, p. 15).

O festival teve uma abertura cultural, em que professoras e professores da RME apresentaram, em conjunto com estudantes, seus trabalhos que tinham relação com a cultura africana e afro-brasileira, além de ter contado com a apresentação de um trio de professores que compunham um grupo chamado Koletivo Ijexazz, o qual, por meio da música e da dança, compartilhava alguns conhecimentos africanos. Durante as apresentações, os estudantes que iriam participar do festival já estavam sentados em cadeiras, tendo à sua frente os tabuleiros de jogo sobre uma mesa. As mesas estavam organizadas em fileiras, umas encostadas nas outras. A apresentação ocorreu em cima de um palco, ao lado dessas fileiras (Figura 7). O Koletivo Ijexazz desceu do palco para interagir com os estudantes, porém como muitos já estavam sentados em frente aos tabuleiros, mal conseguiram se levantar para participar da apresentação musical e de dança.

Figura 7 – Apresentação Koletivo Ijexazz

Fonte: Festival [...] (2019).

De acordo com a Portaria 2.447/2018, cada rodada teria a duração máxima de vinte minutos, sendo que as duplas que finalizassem antes do tempo poderiam se retirar das mesas e as duplas que não finalizassem teriam suas partidas encerradas mesmo que não concluídas. Estabelecidas as regras, muitos estudantes que finalizavam suas partidas saíam para área lateral do salão, local em que consultavam cartazes com ranqueamento dos participantes ao final de cada rodada, além de se reunirem com as professoras(es) e com outros estudantes. Ali se alimentavam, conversavam e muitos deles seguiam jogando Awelé nos tabuleiros que algumas professoras e professores levaram até o festival. Não havia muitos tabuleiros, porém estudantes de diferentes escolas se revezavam, sem que houvesse uma determinação de quem poderia jogar ou não. Tais partidas aconteciam sobre o piso de madeira desse espaço lateral e de forma livre, não havendo árbitros, tempo, distinção de idade ou escola, e todas e todos podiam ficar próximos observando e comentando os jogos (Figura 8). Também nesse espaço eram ouvidos e percebidos os sentimentos dos estudantes antes e após cada rodada. Ouviam-se frases, como “professor, estou nervoso, com medo de perder!”, às vezes ditas aos prantos: “professor, eu perdi!”. Mas também era perceptível o quanto as crianças, jovens e adultos se sentiam felizes e livres naquele ambiente, em que predominava um clima de confraternização não apenas entre os estudantes, mas também entre as professoras e professores que aguardavam as rodadas acabarem. Era uma sensação de que o jogo estava conectando as pessoas. No festival, havia também a opção de as professoras e professores participarem das rodadas, jogando entre si, havendo também premiação para os primeiros colocados.

Figura 8 – Estudantes jogando na área lateral

Fonte: Elaboração própria.

Quando encerraram todas as rodadas, foi feita uma cerimônia de premiação, na qual foram anunciados os dez primeiros estudantes de cada categoria, chamados para receber uma medalha especial relativa à premiação, distinta das que foram distribuídas às outras crianças, que receberam uma medalha comum. Assim como as crianças, as dez escolas que tiveram melhores pontuações, em ordem crescente da décima até a primeira colocada, as escolas melhores ranqueadas foram premiadas com troféus. Após a premiação, encerrou-se o IV Festival de Mancala Awelé.

Análise fenomenológica e afrocentrada

Molefi Kete Asante (2009) define afrocentricidade como a conscientização e o entendimento da história, cultura, literatura, linguística e política a partir de teóricos africanos ou afro-diaspóricos, dispostos a agir em prol da liberdade humana e capazes de fazer isto de forma independente, de acordo com suas próprias perspectivas. Historicamente, os conhecimentos e saberes produzidos pelas negras e negros ao redor do mundo vêm sendo marginalizados, silenciados e apagados. Isso acontece desde o processo de colonização e diáspora que ocorreu a partir do século XIV, com a subsequente propagação da ideologia e sistema racista. Silvio Almeida resume em algumas palavras os objetivos deste sistema:

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam

em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam (Almeida, 2019, p. 22).

Entre esses privilégios está o do controle social e cultural da sociedade, que é atribuído pelo Ocidente à população branca. Tal controle é exercido dentro dos sistemas de ensino, veículos de comunicação, produções audiovisuais e literárias, além das forças armadas do Estado. Abdias do Nascimento, em *O genocídio do negro brasileiro*, sustenta o seguinte:

A assimilação cultural é tão eficiente que a herança da cultura africana existe em estado de permanente confrontação com o sistema dominante, concebido precisamente para negar suas fundações e fundamentos, destruir ou degradar suas estruturas (Nascimento, 2016, p. 83).

Fazer essa análise a partir de um olhar afrocentrado torna-se imprescindível, visto que historicamente, e como pudemos constatar até mesmo na organização do Festival de Mancala Awelé, de algum modo prevaleceu o viés eurocêntrico que tem negado a cultura e os valores dos povos africanos. Tal análise também pretende ter um olhar fenomenológico, pois, como escreve Esiaba Irobi,

[...] o discurso da fenomenologia nos oferece elementos suficientes para fazer uma comparação entre a compreensão europeia das capacidades somatogênicas do corpo humano e a episteme diásporica africana deste mesmo fenômeno (Irobi, 2012, p. 275).

Como mencionado anteriormente, o jogo Awelé carrega consigo aspectos culturais, históricos e sociológicos, além de valores e princípios que o caracterizam como um jogo cooperativo, no qual sequer há uma diferenciação entre as sementes e os espaços do tabuleiro. Quando encontramos imagens de pessoas jogando no continente africano (Figura 9), nunca é um jogo entre duas pessoas, mas sempre envolve todos que o testemunham. As pessoas que estão em volta se divertem junto, dando conselhos e participando das jogadas, tornando-se um momento em que a comunidade se reúne e se diverte. Quando nos deparamos com a organização do festival, no qual as mesas foram dispostas em fileiras (Figura 11) para que existissem corredores em que os árbitros pudessem fiscalizar as partidas em um plano superior – já que as crianças estavam sentadas e os árbitros em pé –, parecia prevalecer muito mais a necessidade de controle dos corpos do que um momento de distensão próprio de um jogo coletivo. A percepção que nos dava era a de que aquele espaço ocupava o corpo, e não a de que o corpo ocupava aquele espaço.

Figura 9 – Mulheres jogando



Fonte: Ibañez (2013).

A partir da obra de Irobi, é possível compreender que o controle e estigma criado sobre o corpo fazem parte da história ocidental, afastando os indivíduos de suas identidades, memórias, história e cultura de seus antepassados. O autor entende que o “meio pode até ser imaterial, mas a principal fonte de significação é o corpo humano. Por esse motivo o corpo é o instrumento essencial para desenvolver, articular e expressar todas as ideias [...]” (Irobi, 2012, p. 278). Dar liberdade para que os corpos dos estudantes joguem o Awelé parece ser algo fundamental para que a essência do jogo seja incorporada pelos estudantes. Isso se torna perceptível quando olhamos a Figura 8 e vemos os estudantes jogando como jogam as pessoas no continente africano, com um grupo de pessoas em volta comentando e se divertindo junto. Naquele momento os estudantes estavam relaxados, aproveitando para fazer novas amizades, se alimentando, experimentando novas jogadas e aprendendo uns com os outros. Mas, quando chegava o momento de ir para o espaço da competição, muitas expressões mudavam, alguns verbalizavam que estavam nervosos com a partida que viria, com medo da derrota.

Figura 10 – Local das partidas



Fonte: Festival [...] (2019).

Reconhecemos que as apresentações culturais buscaram levar ao festival a memória e cultura africana por meio da música, da dança e da performance. Ao vivenciá-las, todos que estavam ali presentes tiveram contato com a história, cultura e arte africanas e afro-brasileiras. Nas sociedades africanas “[...] o corpo torna-se receptáculo simbólico e expressivo do transcendente, assim como as ideias filosóficas [...]. A maioria destas ideias e conceitos são estruturados e manifestados por meio do gesto, da música e da dança” (Irobi, 2012, p. 276).

Assim como o Awelé, as apresentações que ocorreram no festival expressaram ideais e valores africanos, porém os estudantes foram impedidos de participar corporalmente daquela vivência, uma vez que não puderam expressar-se com seus corpos, pois já estavam sentados em suas cadeiras enfileiradas para participar da primeira rodada do festival. Mesmo sendo convidados a se levantar e participar, o ambiente já estava montado para que não houvesse essa manifestação corporal dos estudantes. Houve, é verdade, algumas poucas transgressões, quando alguns estudantes afastaram suas cadeiras, levantaram-se e reuniram-se às crianças e às(aos) arte-educadoras(es) que se apresentavam, comprovando que “[...] as performances afro tornam-se moeda de troca básica de atenuação ou de resistência à total incorporação dos valores identitários europeus e do Novo Mundo, assim como aos signos e modos de representação ocidentais” (Irobi, 2012, p. 278).

Por fim, o festival trouxe mais um elemento ocidental, que foi a premiação diferenciada para aqueles que conseguiram somar mais pontos dentro das rodadas oficiais, a título de avaliação da performance de cada indivíduo, atribuindo uma pontuação superior para aqueles que, no final do tempo determinado pela organização, colheram mais sementes. Mesmo existindo diversos valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros³ intrínsecos ao jogo, a avaliação foi feita apenas pelo critério de “vitória”, “derrota” ou “empate”. Premiar de forma desigual os diferentes corpos, histórias, vivências presentes naquele festival fez com que o jogo se tornasse ainda mais distante da cultura africana e afro-brasileira, mais distante do caráter cooperativo, comunitário e educativo do jogo.

Diante dessas circunstâncias, fazemos os seguintes questionamentos: o Festival de Mancala Awelé da Rede Municipal de Ensino de São Paulo respeita e transmite a cultura africana, ao se propor a descolonizar os saberes e práticas educativas dos estudantes? A forma como é organizado o festival não estaria reproduzindo uma lógica ocidental de competição e controle dos corpos? Após a vivência no festival e a análise aqui feita, acreditamos que a reprodução da lógica ocidental de competição e organização esteja presente no Festival de Mancala Awelé, deixando de lado a riqueza filosófica, pedagógica e cultural que o jogo implica.

Conclusão

Após vivenciar, observar e escutar relatos de estudantes e professoras que participaram do IV Festival de Mancala Awelé da RME, ficou evidente que houve uma desvinculação do jogo de Awelé da cultura africana, na qual ele está inserido. O festival não conseguiu

3- Os valores civilizatórios afro-brasileiros são encontrados no texto de Trindade (2005).

transmitir os valores filosóficos dos povos que criaram o jogo; pelo contrário, a forma como o festival acontece hoje faz com que os valores ocidentais acabem se sobrepondo aos valores africanos e afro-brasileiros. Quando observamos os estudantes praticando o jogo de forma livre, sem a organização, estrutura, regras e arbitragem impostas pela organização do evento, percebemos que a forma de jogar se assemelhava à que os povos africanos utilizam até os dias de hoje, trazendo o caráter comunitário do jogo, em que a colheita de mais sementes não é o que se sobressai durante uma partida, mas sim a prática do jogo, as trocas de experiências e vivências da dupla que está jogando e dos espectadores que estão assistindo, tornando o jogo ainda mais educativo no que se refere ao caráter cooperativo e lúdico.

Mesmo após alguns anos nesse formato, e com diferentes críticas feitas a ele, o Festival de Mancala Awelé segue sendo organizado da mesma forma. Foi possível constatar isso quando, ao ser convidado para realizar uma palestra no VI Congresso Municipal de Educação, no ano de 2023, levei as mesmas indagações que faço neste artigo. Ao final da palestra, algumas professoras da RME de São Paulo vieram ao meu encontro e disseram-me que os festivais continuam no mesmo formato nas diferentes DREs do município, em que a ênfase permanece na competição e premiação. Formadores do jogo me procuraram para conversar sobre diferentes possibilidades de organização, porém não houve movimentação para que de fato o festival deixasse de lado o caráter competitivo e trouxesse a essência cooperativa do jogo. No ano de 2023, como parte da minha pesquisa de mestrado, realizei formações nas quais ensinei o jogo de Awelé aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental no Centro Educacional Unificado (CEU EMEF) Presidente Campos Salles, associando-o à cultura e à filosofia Ubuntu. Sugeri uma forma de organizar as partidas do jogo em que a cooperação ficasse evidente. A partir dos relatos dos professores, foi possível perceber que jogar de forma que estimule a cooperação, além de incentivar mais a prática do jogo, fez com que eles agissem de forma coletiva, alterando o aspecto competitivo que o jogo poderia ter.

Portanto, após essas considerações, acreditamos que é necessária uma reformulação na organização do Festival de Mancala Awelé, a fim de que os estudantes possam ter uma vivência mais próxima da que o jogo propõe enquanto um elemento cultural carregado de sentidos e aspectos filosóficos. A fenomenologia pode ser uma aliada nesse processo, pois “o corpo humano continua sendo o principal árbitro de sinais e informação, além de ser o maior instrumento fenomenológico para este processo de historicização da complexa subjetividade diaspórica africana” (Irobi, 2012, p. 281). Assim, acreditamos que o aprofundamento de estudos sobre as filosofias africanas e o jogo de Awelé, a formação de professoras e professores da rede, e principalmente a reformulação do Festival de Mancala Awelé, que deveria servir para confraternização, trocas e encontro dos estudantes, necessitam de maior atenção da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Referências

AGBINYA, Johnson Ihyeh. **Computer board games of Africa**: (algorithms, strategies & rules). Bellville: University of the Western Cape, 2004. Disponível em: https://web.archive.org/web/20050712073151/http://services.eng.uts.edu.au/~agbinya/computer%20games/African_Board_Games.pdf. Acesso em: 24 jun. 2024

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-108.

BRANDÃO, Ana Paula (org). **Saberes e fazeres**: modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. (A cor da cultura; v. 3).

CULIN, Stewart. **Mancala**: the national game of Africa. Washington, DC: Government Printing Office, 1896. Disponível em: <https://archive.org/details/mancalanationalg00culi/page/598>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DIAS, Letícia Pires; BRENELLI, Rosely Palermo. O jogo Mancala e suas implicações psicopedagógicas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, 7., 2009, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento, 2009. p. 273. Disponível em: https://www.abpd.psc.br/download/download?ID_DOWNLOAD=4. Acesso em: 24 jun. 2024.

FESTIVAL de Mancala Awelé reúne estudantes da Rede Municipal. Secretaria Municipal de Educação, São Paulo, 28 ago. 2019. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/festival-de-mancala-awe-le-reune-estudantes-da-rede-municipal/>. Acesso em: 14 dez. 2024

HAMPÂTÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África**. v. 1. 2. ed. São Paulo: Ática: Unesco, 2010. p. 167-212. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249?posInSet=4&queryId=2f0ba9e7-600-4a5b-9653-c6e69995f8a6> Acesso em: 11 jun. 2024. IBÁÑEZ, Raúl. **Tchuka Ruma, el mancala solitario. Cuaderno de Cultura Científica**, Bilbao, 20 nov. 2013. Matemoción. Disponível em: <https://culturacientifica.com/2013/11/20/tchuka-ruma-el-mancala-solitario/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. Tradução de Victor Martins de Souza. **Projeto História**, São Paulo, v. 44, p. 273-293, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9857>. Acesso em: 9 dez. 2024.

LIMA, Heloisa Pires; GNEKA, Georges; LEMOS, Mário. **A semente que veio da África**. Brasília, DF: Salamandra, 2005.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Árbitro. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/arbitro>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MURRAY, Harold James Ruthven. **A history of board-games other than chess**. New York: Hacker Art Books, 1978. Disponível em: https://archive.org/details/historyofboardga0000murr_p4b9. Acesso em: 24 jun. 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016. E-book.

RAMOSE, Mogobe Bernard. **African philosophy through Ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

SANTOS, Eliane Costa; FRANÇA, Maria de Conceição dos Santos. Simbiose entre etnomatemática e a cultura Africana – Jogo Mancala Awelé em sala de aula. **Com a Palavra o Professor**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/21859>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Comunicado nº 772, de 24 de junho de 2016. Comunica a realização do I Festival de Mancala Awelé da Rede Municipal de Ensino. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, ano 61, n. 117, p. 39, 25 jun. 2016. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/29690.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Mancala Awelé**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação: Coordenadoria dos Centros Educacionais Unificados, 2020. (Jogos de tabuleiro). Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/jogos-de-tabuleiro-mancala-awele/>. Acesso em 12 mai. 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Portaria nº 2.447, de 12 março de 2018. Dispõe sobre os Festivais Estudantis de Mancala Awelé da Rede Municipal de Ensino, e dá outras providências. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, SP, ano 63, n. 46, p. 15, 13 mar. 2018. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/portaria-secretaria-municipal-de-educacao-sme-2447-de-12-de-marco-de-2018>. Acesso em 12 jun. 2024.

SILVA, Robson Gonçalves da. História e cultura africana por meio do Mancala Awelé: reflexões para uma prática pedagógica antirracista. **Revista Ocupação Mai**, São Paulo, n. 1, p. 64-77, 2021. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/07/Artigo-6.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Valores afro-brasileiros na educação**. Brasília, DF: MEC, 2005. (Boletim 22, p. 30-36). Disponível em: <https://atividadesescolaresprontas.com.br/wp-content/uploads/2021/11/Valores-afro-brasileiros-na-educacao.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Recebido em: 11.07.2024

Aprovado em: 08.10.2024

Editor responsável: Profa. Dra. Monica Guimaraes Teixeira do Amaral

Robson Gonçalves da Silva é mestre pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pesquisa as filosofias africanas e o jogo de tabuleiro Awelé como bases epistemológicas na formação de professores. Coordenador pedagógico na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.